

## Luiz Pacheco e as suas Cartas ao Léo

Agora com oitenta anos e feito o necessário balanço às muitas obras publicadas a partir de 1960, o que nos sobra de Luiz Pacheco é ainda o seu claro aviso à navegação? no plano da crítica e da intervenção literária que, ao certo, não se sabe se lhe valeu de muito ou se de tudo ficou a lição de ter sido ao longo de tantos anos um franco-atirador? das letras ou um libertino? que assim mesmo se assumiu em todas as circunstâncias. Mas no que revela de mais circunstancial ou no imediatismo das suas anotações críticas, sociais e literárias, a obra de Luiz Pacheco deve sobretudo ser lida na verdade das suas confissões ou nesse moto tão pessoal de pela ironia revelar o centro fulcral das suas vivências, nos diversos planos que nessa obra se distinguem por entre páginas de sentida e comovida ficção literária como se observa em ?Textos Locais?, ?Comunidade?, ?O Libertino Passeia por Braga?, ? Literatura Comestível? ou ?Textos de Guerrilha?.

Na edição recente de **Cartas ao Léo**, organizada e anotada com rigor por António Cândido Franco, revelam-se cartas e postais que Luiz Pacheco, na sua permanência em Setúbal entre 1990 e 2003, enviou ao seu amigo e livreiro João Carlos Raposo Nunes. Trata-se de vinte e um textos, cartas e postais, onde uma vez mais o autor de ? Diário Remendado? se confessa, desabafa, critica ou fala de livros. Mas o interesse literário desta edição reside ainda na dimensão literária que António Cândido Franco lhe confere, anotando e pormenorizando aspectos da vida atribulada e difícil de Luiz Pacheco que coloca o leitor no conhecimento exacto do que se fala ou se diz nas cartas e postais desta edição. E uma vez mais se confirma que, mesmo já com oitenta anos, Luiz Pacheco como escritor não foi nunca um daqueles a quem a sorte? protegeu, não por não ter direito a isso, mas tão-só por sempre entender a literatura como um ?propositado apagamento pessoal?. A verdade é que a posição crítica e literária de Luiz Pacheco se consolidou no que nela se regista de uma certa ?maldição? ou ?atreimento? expressivo, sem se acomodar dentro de padrões que retirem o sentido da sua indesmentível verve discursiva ou amoleçam os propósitos claramente irónicos e críticos das suas páginas. Sempre muito incómoda e exigente, implacável e cáustica nas setas desferidas aos olhos (literários) dos outros, toda a obra do autor de **Cartas ao Léo** reafirma uma idêntica e firme posição de observador privilegiado da nossa moderna literatura: nada lhe escapa, tudo revive em crónicas, textos e cartas de viva mordacidade, em páginas de crítica azeda ou irreverente, na forma de uma amargurada raiva pela vida de infortúnio tão doridamente experimentada.

Nestas **Cartas ao Léo** como já anteriormente em **Cartas na Mesa**, que anotei e fiz publicar em 1996, Luiz Pacheco não pretende erguer a sua escrita como bandeira e antes como forma de valorizar o que é essencial e profundamente humano. Assim, pela sua incisiva intenção crítica e mordaz, o autor de ?Os Namorados? nos revela quase sempre textos humaníssimos, que devem ser lidos com a devida atenção. Claro, existem ainda muitas cartas e outros papéis por editar, mas por tudo o que se conhece de Luiz Pacheco, e no arrumar das gavetas que tem sido o propósito dos últimos anos, sabemos e repetimos que a sua obra **existe** e há-de permanecer como das mais exemplares da moderna literatura portuguesa. Disso não temos dúvidas.

**LUIZ PACHECO CARTAS AO LÉU Organização e Notas de António Cândido Franco Ed. QUAS / Famalicão, 2005.**

### **CAMPO DAS LETRAS publica o seu 1000º título**

Em edição com a habitual qualidade gráfica de Armando Alves e uma leitura crítica de Rosa Maria Martelo, a Editora ?Campo das Letras? acaba de editar **O Sentimento dum Ocidental**, de Cesário Verde, está, desta forma, a celebrar duas efemérides importantes: a publicação do seu milésimo título em dez anos de plena actividade, com destaque para obras de autores portugueses no domínio da poesia, ensaio, ficção, literatura infantil, biografias, etc. e não deixar sem um registo a passagem dos 150 anos de nascimento de Cesário Verde em 1855.

Não é excessivo dizer-se que se trata de um dos mais belos poemas cesarianos, estudado e lido sob várias perspectivas críticas (Joel Serrão, Jorge de Sena, Alexandre Pinheiro Torres, Óscar Lopes, Hélder Macedo ou Eduardo Lourenço, entre muitos outros), mas vale sempre a pena, para o leitor menos atento, penetrar no conhecimento deste tão emblemático e belíssimo poema, para desse modo melhor conhecer a poesia de Cesário Verde ainda tão próxima de nós.